

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 270

8 de novembro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos! Sejam bem-vindos!

Vamos continuar com o assunto sobre Kant, que ainda vai nos ocupar por algumas semanas – talvez até meses, porque é muito complicado. Notem bem que nem entramos ainda no exame dos seus escritos maiores, como a *Crítica da Razão Pura*, a *Crítica da Razão Prática*, *Prolegômenos a toda Metafísica Futura* etc. Estamos examinando somente os escritos políticos, que são escritos bastante secundários, mas que têm uma característica importante: começam na juventude de Kant e vão até o fim. Os últimos, que são da década de 1790, mostram uma continuidade extraordinária, ao passo que, em outros pontos de sua doutrina, Kant às vezes modifica alguma coisa importante, como na própria *Crítica da Razão Pura* – cuja primeira edição sai em 1781, e a segunda edição em 1787, com alterações bastante sérias.

No caso dessas idéias políticas [de Kant], porém, vemos que elas continuam imperturbavelmente ao longo de toda sua vida. Por outro lado – até coloquei uma notinha no Facebook dizendo isso –, não há praticamente nada que Kant não diga aqui que ele não desminta ou não atenuie mais adiante. Então fica difícil orientar-se nisto. E, sobretudo, ele escreve no estilo cuja palavra certa para descrever é “vermicular”, quer dizer, um estilo que “vai, vai, vai e fica como se fosse...” parecendo um infinito meandro, e é difícil saber aonde ele quer chegar de fato. Às vezes, o contraste entre o que ele diz em um lugar e em outro é tão acachapante que você tem de procurar uma intenção mais profunda por trás, porque não é possível que um sujeito capaz de escrever a *Crítica da Razão Pura* se contradiga dessa maneira. Eu cheguei à seguinte conclusão: quando é assim, você está com um problema especial na mão, um problema *sui generis*, e você mesmo tem de descobrir ou inventar um método que sirva para estudar esse filósofo e que não serviria para estudar outro.

Como Kant, ao longo de toda a vida, apresenta esses projetos de mundo – o que seria a paz perpétua, a organização perfeita do Estado, etc. – e como afirma taxativamente que a criação da ordem social, da ordem jurídico-social perfeita, é o objetivo de toda a história humana, então, quem sabe, podemos usar isso como método, ou seja, um método sugerido pelo próprio objeto: conceber, a partir das indicações que o próprio Kant dá, como seria essa ordem social perfeita, se ela funcionasse exatamente como Kant está dizendo que funciona, e vamos ver o resultado. Aí descobrimos duas coisas: primeira, esta ordem social teria todos os problemas, todas as dificuldades, todas as contradições internas que estão na própria filosofia de Kant, evidentemente. Quer dizer, se você tem um conjunto que não é de soluções, mas de problemas, se você ampliar aquilo e transformar numa ordem social, então terá conflitos sociais e políticos que refletirão aquelas mesmas contradições. E, em segundo lugar, esse mundo assim concebido é extraordinariamente parecido com o mundo em que estamos. Se

you pensar tudo que tem acontecido na ordem jurídico-política nos últimos duzentos anos, você chegará à seguinte conclusão: ou você está no mundo de Kant ou no de Karl Marx. O de Karl Marx de certa maneira já passou, mas o de Kant estava antes e continua, e cada vez mais forte.

Esta apostila aqui dá uma idéia do que poderia ser esse mundo kantiano ideal, que é o mundo real no qual vivemos. E uma coisa que me aparece absolutamente extraordinária em Kant é a total indisposição dele para examinar a questão de “e se isso que eu estou escrevendo se tornar realidade, o que é que vai acontecer?” Vamos conjecturar. Por exemplo, eu tenho um plano: quero construir uma casa em determinado lugar; porém, e se o terreno tiver algum problema? E se tiver um curso de água embaixo? E se houver um problema com a população animal? Você tem de pensar as conseqüências do que está fazendo. E ele, em nenhum momento, examina isto. Ele formula o seu mundo ideal com uma confiança total – até de maneira cândida, por assim dizer –, e não pergunta jamais as conseqüências práticas daquilo. É importante assinalar que ele mesmo diz que o foco do Iluminismo é a questão da religião, não da organização do Estado, nem dos direitos humanos, nem do avanço da ciência, nem da democracia. É a questão da religião – ele diz isto.

Como seria a religião no mundo concebido por Kant? O que aconteceria com ela? Que tipo de religião teríamos e o que aconteceria com as religiões já existentes? Como Kant diz, na *Crítica da Razão Prática*, que a crença em Deus e na imortalidade da alma são postulados da razão prática, quer dizer, são coisas em que temos de crer de qualquer maneira, não tendo como escapar disso, a razão prática só pode funcionar se ela aceitar essas duas coisas – quem lê isso, fala: Kant, no fim das contas, é um crente”. Mas o problema não é saber se Kant é um crente ou não, o problema é saber como ficará o mundo e como ficará a religião dentro desse mundo político social se as concepções de Kant forem levadas a sério e levadas à prática – como de fato foram.

Acredito, por exemplo, que o pessoal que estuda Direito no mundo inteiro se intoxicou com as idéias de Kant, ou diretamente ou através de continuadores e discípulos como Kelsen. Do mesmo modo, no mundo dos estudos das religiões, eu acho que não tem ninguém que não tenha sido influenciado pelas idéias de Rudolf Otto, que escreveu o famoso livro *O Sagrado*, no começo do século 20, que é um clássico e que é uma versão kantiana dessa questão. Quando você lê Mircea Eliade, vê as concepções de Kant lá no fundo. E eu acho que não existe autor sobre esse assunto de história da religião mais influente do que Mircea Eliade. Quer dizer, sinais de Kant você encontra em pessoas que jamais ouviram falar dele.

Eu creio que no Brasil, por exemplo, se considerarmos as faculdades de direito, quantos professores teriam capacidade para ler quatro páginas de Kant sem ter congestão cerebral? Raríssimos. E, no entanto, eles estão pensando kantianamente porque a influência passou de uns para outros e foi chegar ao Brasil. Portanto, no Brasil, existe o pessoal que foi seriamente influenciado pelo pensamento marxista – e que foi acabar nesse tal de direito alternativo, direito achado na rua, direito achado na privada, direito achado no lixo – e tem o outro pessoal, que às vezes é até conservador, mas está profundamente imbuído de pensamentos kantianos. Por exemplo, a influência de Kant em Miguel Reale é devastador! [Reale] simplesmente aceita toda a teoria das formas *a priori*, do entendimento e da percepção, só que ele critica Kant por achar que essas formas são eternas e imutáveis, quando diz: “temos de fazer a história das formas *a priori*”. Porém, [poderíamos dizer que,] se existe uma história, elas não são mais *a priori*. De qualquer modo, a idéia de esquemas perceptivos que estão por trás de toda uma cultura e que mudam, por sua vez, ao longo do tempo, é uma idéia

perfeitamente odiável. Só que, com isso, escapamos um pouco do kantismo, ainda que continuando a usar as categorias dele.

Os escritos políticos de Kant tornam-se muito importantes para nosso estudo precisamente porque neles o filósofo se expressa livremente sobre os valores e crenças que subscreve sem a mais mínima preocupação de examiná-los criticamente e nem mesmo de argumentar muito em seu favor. Ele fala, por assim dizer, para um círculo de fiéis ou correligionários dos quais não espera nenhuma objeção séria, [mas] antes a adesão fácil, sonsa e solidária.

É claro que isso é completamente diferente do que ele faz nos grandes livros de filosofia, como a *Crítica da Razão Pura* e a *Crítica da Razão Prática*, onde ele examina tudo sob todos os aspectos. Aqui ele simplesmente diz o que quer, o que acha, aquilo a que adere, como se estivesse dizendo uma obviedade. É claro que tudo o que ele diz nesses escritos, se não soa óbvio, soa pelo menos perfeitamente aceitável na atmosfera do século XVIII. Eu sugiro, para quem quiser ter uma idéia de como era a atmosfera da época, a leitura do livro de Paul Hazard, *O Pensamento Europeu no Século XVIII*, que é uma obra-prima, uma obra absolutamente extraordinária – tudo o que ele escreve é notável –, e você verá como essas idéias de Kant podem parecer inovadoras sob certos aspectos, mas nunca chocantes para aquele público. Apareciam como grandes idéias, grandes sugestões que um sujeito estava dando para as pessoas realizarem seus ideais.

Um exame superficial poderia sugerir que tratam-se de meras opiniões sem importância filosófica própria, um ‘violon d’Ingres’ (...)

Ingres é um grande pintor francês que achava que era violinista – os quadros dele eram maravilhosos. Quando um sujeito tem o talento para fazer uma coisa, mas insiste em fazer outra, chama-se “violon d’Ingres” (violino de Ingres).

(...) um ‘violon d’Ingres’ filosófico, uma curiosidade biográfica apenas. O que no caso torna essa interpretação inviável são três fatores: 1) ao longo de toda a sua carreira, Kant permanece fiel às opiniões assim expostas.

Isso ocorre com uma ou outra indecisão ou incongruência verbal, que de fato aparece, mas que não afeta o conjunto.

2) ele as apresenta quase sempre não como opiniões pessoais, mas como regras universais obrigatórias para toda a humanidade.

Ele sempre está falando *urbi et orbi*, com uma espécie de autoridade papal – esse é o tom dele. Não existe traço mais característico em Kant do que essa idéia de lei universal, isto é, tudo o que ele pensa é na escala de uma lei universal, e veremos mais tarde que ele entende a moral como totalmente constituída de leis universais obrigatórias para toda a humanidade, das quais decorre – preste atenção – a crença em Deus e na imortalidade da alma. Então, de algum modo, a universalidade da lei é o *primum movens*, o primeiro motor imóvel. E onde está essa lei? Ela está na consciência humana. É o que diz aquela famosa frase dele: “Acima de mim, o céu estrelado; dentro de mim, a lei moral”. A lei moral, de certo modo, é maior do que o céu estrelado, mas ela está dentro de mim.

3) Elas têm uma relação íntima com as grandes teses da filosofia kantiana apresentadas em obras de mais peso.

Este é o ponto que considero o mais interessante da história e o que eu gostaria muito de aprofundar nos próximos meses. Quer dizer, dado este mundo ideal de Kant – esse estado perfeito que ele concebeu –, qual é a relação da gnosiologia de Kant, de sua metafísica, de sua ética com isso? Como os trabalhos filosóficos mais técnicos se encaixam aí dentro? Isto é um assunto no qual eu nem entrei ainda; apenas estou descrevendo o mundo ideal de Kant. Se eu insistir nesse assunto sobre Kant por meses, espero que vocês tenham a paciência de me acompanhar, porque isto renderá muito na compreensão do mundo atual.

Notem bem que não estudamos filosofia, mas seguimos os conselhos de Eric Voegelin, ou seja, estudamos a realidade, e a filosofia entra como um instrumento auxiliar para a entendermos. Não estamos numa disciplina escolar específica, aqui ninguém veio para ganhar diploma, PHD, um emprego – nada disso –, mas aqui as pessoas simplesmente querem o conhecimento. Conhecimento do quê? De uma disciplina para efeitos de diletantismo ou de prazer intelectual? Não. Queremos nos orientar no mundo real. Não somos diletantes, nem apreciadores, somos pessoas desesperadas e desorientadas que estão vendo um mundo enormemente confuso à nossa volta e, por isso, queremos de algum modo nos orientar no meio disto. Este é o nosso objetivo e acredito que isto é filosofia, fazer isto é filosofia. Se você ler as obras de Platão e Aristóteles, verá que em nenhum momento eles estão estudando a filosofia de Platão e Aristóteles, mas estão estudando o que acontece mesmo. Aristóteles teve a pachorra de examinar as constituições de mais de uma centena de cidades-Estado em torno, porque ele queria saber onde ele estava. Ele não está teorizando no vazio, nem brincando de filosofia, nem postulando emprego – ele não precisava de emprego, pois era um homem rico.

O objetivo de todo este estudo sobre Kant não consiste em entender a filosofia de Kant. Se você entra em qualquer filósofo com a idéia de somente entender a filosofia dele, você não entenderá nada, porque a filosofia não aparece no vazio. Elas são resposta a alguma coisa, a alguma situação existencial real, e não apenas a problemas acadêmicos. Então, é necessário saber quais são esses problemas que serviram de estímulo ao filósofo, a que situação ele está respondendo. Por exemplo, quando se lê Santo Tomás de Aquino, percebe-se que ele estava enfrentando uma situação criada pela disseminação dos escritos de Aristóteles, os quais estavam criando uma grande confusão no meio universitário e eclesiástico, e que poderiam ter consequências enormes para a vida cristã, para a vida de toda a sociedade européia. Se olharmos o próprio Karl Marx, veremos que ele estava tentando responder a uma situação criada pela nova importância que a economia havia adquirido, pois a economia havia se tornado de fato o centro da vida na Europa, sobretudo na Inglaterra, na França e na Alemanha. Estava tendo uma importância que nunca tinha tido antes. [Marx] estava respondendo a essa situação que ele ingenuamente, de certo modo, toma como se fosse uma constante universal, quando, na verdade, era parte da cultura da época.

Devemos, então, buscar qual é a situação existencial real a que o sujeito está respondendo. Isto é que é o principal em filosofia. E da resposta que o filósofo dá decorrem não somente consequências filosóficas ou acadêmicas, mas consequências no mundo real. Não são só os filósofos que lêem os filósofos e ficam discutindo dentro da faculdade de filosofia, mas existem ali juristas, líderes militares, líderes políticos, eclesiásticos, jornalistas que lêem aquilo e seguirão, de alguma maneira, transformando essas idéias em correntes políticas, morais, sociais, religiosas. Agora mesmo eu estava comentando com o Alessandro que, atualmente, na Inglaterra, se um pai não quer que o seu filho seja treinado no Islamismo, ele tem de avisar à escola, porque o ensino do Islamismo é obrigatório, e nessa medida todos os inimigos do Islam já são cadastrados. Como começou isso? Eu tive notícia das relações, da ligação íntima entre Martin Lings, que era o segundo no comando da tariqa de Schuon, e Príncipe Charles em 1986, e ali percebi que alguma coisa estava acontecendo. Por quê? Numa tariqa, que é uma

organização esotérica islâmica, o Sheik, ou chefe, tem autoridade absoluta sobre os seus discípulos. Se o Sheik mandar você atirar-se do décimo segundo andar, você se atira sem discutir. O único sujeito que desobedeceu fui eu, porque o Schuon dizia que só se podia fumar oito cigarros por dia e eu fumava 60. Então, isso já começou a criar problema desde o primeiro dia. A minha carreira na tariqa foi curta e feliz. Como diz aquele conto de Ernest Hemingway, a curta e feliz existência do sr. Fulano de Tal.

E se Martin Lings estava perdendo o seu tempo com Príncipe Charles, certamente não era por motivo social. Ele não estava apenas convivendo com o príncipe em altos círculos, indo a festinhas. Portanto, devia haver uma ligação orgânica. O Príncipe, por sua vez, não queria apenas ser um beletrista que estaria interessado em doutrinas tradicionais. Você vai lendo aquelas obras de Guénon e Schuon até que chega uma hora em que você quer conhecer aquilo por dentro: “Se isso aconteceu comigo, então deve ter acontecido também com Príncipe Charles”. Eles mesmos dizem: “Olha, você vem até aqui no ensinamento teórico, mas depois você precisa ter uma idéia do que é a vida esotérica na sua substância carnal, por assim dizer”. Então você tem de entrar para uma tariqa para saber o que eles estão fazendo lá dentro. O Príncipe Charles, fatalmente, deve ter passado por isso e, na hora em que ele recebe sua iniciação na tariqa, ocorre uma das seguintes alternativas: ele será expulso da tariqa se fizer alguma inconveniência – como aconteceu comigo –, ou ele permanecerá lá. E não consta que ele tenha feito inconveniência alguma e tenha sido expulso. Portanto, ele é um membro da tariqa e, logo, obedece ao seu Sheik vinte e quatro horas por dia. Isso eu vi aparecer naquela época. Passados vinte e oito anos, que é o prazo de uma geração – ou, pelo menos astrologicamente, é um ciclo completo do planeta Saturno, que marca a temporalidade histórica, por assim dizer –, está aí a situação estabelecida: os ingleses estão sendo obrigados a engolir o Islamismo (coisa que, se alguém falasse naquela época, pareceria loucura). Imagine, em 1985, alguém dizer que a Inglaterra se tornaria islâmica! As pessoas iriam interná-lo em um hospício. E, no entanto, estava claro que isso iria acontecer mais dia menos dia. Por quê? Tudo o que acontece na política deste mundo começa em círculos muito discretos e muito altos na sociedade, só envolvendo pessoas importantes, intelectuais de primeiro plano, governantes, bilionários etc. Tudo começa com a conversa entre essas pessoas e depois, muito lentamente, vai para a política. E o pessoal – a massa e os jornalistas – não tem a menor idéia de onde aquilo veio. Então, a história para eles se torna um pipocar de coisas aleatórias que simplesmente aconteceram.

Quando se estuda a história política, a história das idéias etc., acaba-se descobrindo que nada se faz no mundo sem que alguém o tenha feito, isto é, para que as coisas aconteçam, só há três fontes: 1) ou acontecem por intervenção divina; 2) ou acontecem por mecanismo natural; 3) ou acontecem porque alguém fez. Não existe uma quarta ordem causal, mas apenas a combinação mais ou menos aleatória desses três fatores.

Aluno: O capeta pode ajudar.

O capeta pode ajudar – sem dúvida! –, mas o capeta entra apenas na combinação das coisas, porque ele não é criador, não é uma força criadora. Ele pega esses três fatores e cria uma confusão dos diabos. Então, existe o fator do acaso ou fator caótico, onde entra justamente a ação de Satanás. Eu não creio que o Diabo seja, por si mesmo, um grande agente histórico criador porque ele não introduz fatores. Penso que até o ser humano tem mais inventividade do que Satanás.

Por isso mesmo, precisamos de muita sutileza e paciência para rastrear as origens dos debates públicos, e essas origens são sempre, por definição, discretas. Em relação a qualquer

idéia, houve primeiro um sujeito que a pensou – ou mais de um, mas sempre um grupo muito pequeno. Nunca aconteceu de a massa pensar alguma coisa e a elite pensá-la depois – a massa sempre vem por último, por definição. Então, se você rastreia [as origens das idéias], acaba descobrindo. Daí extraí-se um corolário: se você acompanhar as discussões de grupos discretos – mas sempre de altíssimo nível –, saberá o que vai acontecer dali a pouco. Às vezes, acontece que as idéias que são semeadas nesses ambientes não germinem, não cheguem a se transformar em forças históricas – ou pelo menos não imediatamente, mas podem se transformar amanhã ou depois. Por estapafúrdias que sejam as idéias, elas podem acabar germinando.

Alguns anos atrás, quando começou o movimento gayzista, eu escrevi: logo em seguida virá um movimento em favor da pedofilia, da necrofilia, da bestialidade etc. Por que eu disse isso? Porque eu li os [intelectuais] que planejaram fazer isso. Essas discussões começam na década de 60 e 70 do século passado, em grupos muito discretos que pareciam apenas intelectuais excêntricos. Mas é nesses meios discretos que se forja a história. Nos anos 1960 e 1970, surge a teoria da livre circulação do prazer, que dizia que a classe dominante exerce poder sobre as pessoas controlando os canais de prazer. Isso deriva um pouco de Wilhelm Reich, que diz que o erotismo é uma energia cósmica, como a eletricidade, uma energia física, e ele pensava que era possível condensá-la em acumuladores, que ele chamava de “caixa de Reich” – na qual eu mesmo entrei. Segundo essa teoria [da livre circulação do prazer], a classe dominante controlava a circulação dessa energia, e se ela fosse liberada, surgiria então uma situação revolucionária, em que haveria a liberdade para todos. Estas idéias entraram profundamente nas correntes de debates públicos, de maneira muito lenta e muito discreta. Mas, de repente, aparece a defesa da pedofilia, e agora a necrofilia já tem defensores públicos. Ou seja, já não é mais uma discussão de intelectuais, mas um germe do movimento. E a bestialidade, que consiste em o sujeito querer casar-se com tatu-bola, com gato, com aranha... As pessoas riem disso, mas quando essas idéias começam a aparecer no cenário público, elas têm uma força extraordinária justamente porque são absurdas, porque impactam as pessoas e as deixam paralisadas, não sabem como reagir a uma coisa dessas. É o mesmo que um sujeito entrar na sua casa e dizer “olha, eu tenho um plano aqui de a gente matar a sua mãezinha”. Você vai achar que é brincadeira. E se não for? Esse tipo de iniciativa, que supõe no seu agente evidentemente um caráter psicopático, justamente por vir por personalidades psicopáticas, é que vêm com um impacto tremendo, porque o psicopata tem uma agressividade psicológica, uma força psicológica que a pessoa normal não tem. Então, a maioria das pessoas, se não sabe do que se trata, fica totalmente desarmada.

Rastrear essas coisas até sua origem remota é a grande ocupação não só, evidentemente, do historiador, mas deveria ser a do estrategista político, porque ele tem de saber não só qual é o inimigo que ele está enfrentando agora, mas o que irá enfrentar amanhã.

A sondagem que eu estou fazendo de Kant tem este propósito: saber de onde saíram certas forças que hoje estão dominando, na medida do possível, o curso da história. Dominar o curso da história ninguém domina, mas [alguns indivíduos e grupos] fazem uma força desgraçada para isso e conseguem afetar muitas pessoas. E, de todas as origens ideológicas que nós possamos sondar, Kant é, a meu ver, a mais poderosa e a mais sutil, e a que mais parece inocente e inofensiva. Em geral, os estudos sobre Kant trazem sempre um elemento biográfico onde se fala da sua personalidade doce e amável, de sua vida de celibatário, de sua vida de pureza, por assim dizer. Isso já cria toda uma imagem de inocência, que nos sugere que esse homem seria incapaz de fazer mal a um mosquito. Mas o problema não é ele querer fazer mal, o problema é o que ele entendia como o “bem” – lembrem-se, o que ele entendia como o “bem” era, sobretudo, isto: a lei universal, a qual deve presidir todas as ações humanas, o curso da

história, todas as decisões etc. –, e desta lei universal decorre a idéia básica, que deriva do campo político, que é a idéia de obter a paz por meio da organização internacional. Ele foi o primeiro sujeito a formular isso claramente.

A idéia de uma organização que se sobrepõe aos Estados e que os administra é inteiramente de Kant e é a doutrina política fundamental de Kant. Ele foi o inventor [por assim dizer] da ONU e do governo mundial. É claro que houve outras pessoas que tiveram essa idéia antes, como Jan Amos Comenius (o educador renascentista), mas ele não a elaborou como Kant – pelo menos não a fundamentou nem a tornou operacional como Kant. A idéia do poder global é eminentemente kantiana, e é deste mundo em que vivemos. Então, é importante conhecer esta origem para nós entendermos suas implicações filosóficas. Quando você vê uma idéia que aparece no cenário público, você a discute nos termos em que ela se apresenta. Mas se você não sabe qual é a retaguarda que ela tem, não vai saber quais são as cartas que ela tem na manga nem os milhões de argumentos que podem vir em favor dela depois, e não saberá as implicações dela. Então, é preciso rastrear tudo – não tem outro jeito.

Eu falei esses três pontos; os pontos 1 e 2 estão sendo demonstrados aqui neste capítulo; o ponto 3 será demonstrado no capítulo 3, nas aulas subsequentes. Quando eu passar para o capítulo 3, aviso a vocês. Por enquanto, nós estamos aqui no 2.

“O escrito *Conjecturas sobre O Começo da História Humana*, de 1786, torna-se ainda mais interessante (...)”

Parêntesis: a edição da Cambridge dos textos de Kant, sobretudo a da *Crítica da Razão Pura*, é um prodígio, é assombroso o que eles conseguiram fazer ali! É a melhor edição que já se fez de Kant. Acredito que nem em alemão existe algo tão bem feito. Então, quem quiser estudar Kant a sério e não domina a língua alemã – eu mesmo não domino a língua alemã o suficiente para isso, e preciso de uma tradução confiável para ter certeza de que estou entendendo –, creio que essa edição da Cambridge é a mais confiável que existe.

“(...) torna-se ainda mais interessante sob esse aspecto porque Kant admite estar lidando com o tema do qual toda certeza científica está excluída e onde só o que é possível fazer é uma ‘especulação imaginativa’ com base racional. Um material precioso, portanto, para examinarmos como Kant pensa quando deixado em liberdade para dar rédea solta às inclinações espontâneas da sua alma sem maiores preocupações críticas. Ele começa por tomar como ponto de partida a narrativa do *Gênesis*.”

Ele diz não haver outro relato a respeito; então, nós só teríamos o *Gênesis*, e por isso seria necessário partir dali. E ele, em princípio, aceita essa narrativa como verdadeira, ao ponto de dizer que a humanidade só pode ter-se originado com um casal único, pois, do contrário, haveria guerras desde o início e não seria possível haver crescimento [da humanidade].

“Ele admite a crença bíblica de que a humanidade se originou num casal único e passa então a oferecer a sua própria interpretação dos acontecimentos.”

[Vocês verão que Kant] não pode ser acusado de falta de originalidade.

“Desde logo, ele identifica a voz de Deus” – expressão dele – “que se dirige a Adão e Eva com o puro apelo do instinto natural, que fala também aos tatus e às minhocas, donde concluo, embora Kant não o diga expressamente, que estes também foram criados à imagem e semelhança do Todo Poderoso.”

Ele diz o seguinte: “no começo, quando o homem vivia de acordo com o seu instinto natural, que é a voz de Deus, ele era feliz; depois, entrou a razão, que complicou tudo, e a partir daí começou a história natural, a história da humanidade.”

“‘Inicialmente, o recém-chegado do Paraíso’ – quer dizer, Adão – ‘deve ter sido guiado tão somente pelo instinto, aquela voz de Deus que todos os animais obedecem. Ela permitia que ele usasse de algumas coisas como alimentos e o proibia de usar outras coisas’ (Gen. 3). Enquanto o homem inexperiente obedecia a esse chamado da natureza, sua vida foi feliz. Esse estado de equilíbrio instintivo foi corrompido pelo advento de um fator inesperado. ‘Mas a razão logo fez sentir a sua presença e buscou estender o conhecimento dos alimentos para além dos limites do instinto.’”

A serpente, portanto, representava a voz da razão, assim como Deus representava a do instinto natural.

“O *modus operandi* da razão é dos mais singulares.”

Aqui nós já temos um problema, porque, como vimos no escrito anterior, Kant diz que é a natureza que conduz o homem à razão, e que a razão está, de certo modo, embutida na natureza por aquele processo que ele chama “a astúcia da razão”, quer dizer, ela leva o homem em direção ao seu desenvolvimento racional sem que ele o perceba – ele diz que a natureza faz isso. Aqui, ele já está usando a palavra “natureza” em outro sentido: a natureza seria a voz de Deus e a voz de Deus seria apenas o instinto, a mecanicidade natural.

“O *modus operandi* da razão é dos mais singulares. O homem passou a buscar alimentos ‘para além dos limites do instinto’, diz Kant, comparando sua dieta usual com qualquer coisa que um sentido diferente daquele ao qual seu instinto estava ligado – por exemplo, o sentido da visão – representasse como similar em caráter.”

Então, inicialmente, o homem se alimenta só daquilo que é indicado pelo seu instinto, sobretudo através do olfato. O olfato, por sua vez, é ligado à gustação, de modo que o animal sente o cheiro de algo e ele sabe que é comida porque está instintivamente programado para isso. Porém, depois o que acontece? Ele vê coisas que parecem com aquelas que ele estava acostumado a comer, e experimenta comê-las, embora elas não tenham o cheiro de comida. Ele introduz aí, portanto, um outro elemento, um outro instinto – coincidindo com outro órgão dos sentidos, que é a visão, e talvez a audição e o tato também – como elemento com o qual ele irá sondar novas comidas possíveis, que antes não lhe pareciam ser comida. E é assim que ele explica, então, a presença árvore no centro do Paraíso que era proibida.

“Tente imaginar o nível de estupidez a que o uso da razão teria de ter rebaixado o pobre Adão para que, confundido pelo senso da visão, experimentasse mamar esperma de macaco em vez de leite de vaca, ou comer cocôs de cabrito em vez de jabuticabas. Mas, queiram ou não, é isso o que Kant sugere que aconteceu. ‘É uma peculiaridade da razão o fato de que ela é capaz, com a ajuda da imaginação, de inventar desejos aos quais não somente falta qualquer impulso natural correspondente, mas que ainda divergem desse impulso. Esses desejos que são conhecidos primariamente como lascívia gradualmente engendram todo um conjunto de inclinações supérfluas ou mesmo inaturais às quais se aplica o termo luxúria.’ Esses parágrafos dão algumas indicações preciosas. 1) Para Kant, Deus é a força da natureza e nada mais.”

Pelo menos é assim que ele concebe Deus neste escrito.

“2) A razão não é uma função integradora que busca harmonia entre o natural e o espiritual, mas é uma força demoníaca que se opõe à natureza e a deforma. 3) Com a queda, o homem não

caiu fora da graça divina, mas do estado primitivo de equilíbrio homeostático natural. A queda é uma só e a mesma coisa que o despertar da razão, e a serpente é o impulso do conhecimento racional que liberta o homem do fatalismo natural. Giosuè Carducci – o poeta italiano – viria a condensar essa visão nos versos “o Satana, / O ribellione, / O forza vindice / De la ragione!” (Ó Satanás, / ó rebelião, / ó força vingadora / da razão!).

Eu acrescentei aqui uma notinha:

“Ao poeta italiano, satanista confesso, não escapou a afinidade entre Kant e os revolucionários de 1789. Kant decapitou Deus – escreveu ele – e Robespierre decapitou o rei. Ele colheu essa comparação em Heinrich Heine, que, por sua vez, a encontrou em Hegel.”

Nós estamos nos movendo aqui em pleno terreno gnóstico, evidentemente. Essa interpretação da serpente como a razão e como uma força iluminante, por assim dizer, é caracteristicamente gnóstica.

“A razão, ao menos de início, não opera esclarecendo, mas confundindo. O homem natural escolhe os alimentos pelo sentido do olfato, que é próximo ao da gustação. Como se torna racional, vê uma coisa que parece comida e, mesmo notando que não tem cheiro de comida, sente o desejo de comê-la. O leitor deve ter notado que nos dois anos que decorreram desde a profissão de fé iluminista” – texto que nós já estudamos, *O que é o Iluminismo* – “a palavra ‘natureza’ mudou de sentido. Em 1784, ela significava a racionalidade secreta que conduzia o ser humano rumo a seus mais altos destinos. Agora ela é a força do instinto ou voz de Deus que a razão supera mediante o expediente altamente duvidoso de confundir os órgãos dos sentidos. Haverá nisso algo mais do que um deslize semântico? Acho que sim. Os ideais e metas que Kant deseja infundir na mente do leitor são em si mesmos tão confusos, escandalosos e auto-contraditórios, que o vocabulário muito preciso só servia para denunciá-los à primeira vista. No fundo, porém, não há incoerência alguma entre advogar a extinção do cristianismo como religião dogmática – nós já vimos isto – e, fingindo aceitar como fonte fidedigna um dos textos principais que fundamentam o dogma, dar-lhe, com os ares da maior inocência, uma interpretação invertida e blasfema.

Mil investidas furiosas contra a religião que pululam nos escritos de Voltaire e Diderot não produziram na história efeitos tão profundos quanto essa injeção de veneno anestésico. Kant não pretendia, claro, que seu leitor acreditasse seriamente nessa ‘história contada por Belzebu a seu neto’”

Este é o título do livro escrito por Gjurdzhev, *Contos de Belzebu a Seu Neto*. Kant aqui, evidentemente, quando diz que isso é uma conjectura imaginativa, realiza, evidentemente, um conto de Belzebu a seu neto. E o neto somos nós.

“(…) ele mesmo adverte que se trata apenas de uma especulação imaginativa com base racional. Tudo que ele queria era, portanto, que esse leitor admitisse a possibilidade racional de que as coisas tivessem se passado como ele as imaginou.”

Ou seja, ele não está dizendo que as coisas se passaram assim, mas que é uma possibilidade racional; concebível, portanto.

“Mas essa possibilidade evidentemente não existe. Admiti-la, mesmo como hipótese, é deixar-se rebaixar a um estado de estupidez pueril. Todo animal irracional pode ser enganado por um falso indício dos sentidos.”

Não é preciso entrar a razão para isto.

“Sem isso, não seria possível pescar ou caçar com iscas, e jamais se veria um cachorro atacando sexualmente o joelho de um inocente visitante que não exala nenhum cheiro de cadela no cio.”

Nós vemos os animais serem enganados por dados dos sentidos a todo instante. Quando estávamos no Maine, por exemplo, algumas pessoas tinham um desenho de uma fêmea de alce, colocavam em algum lugar e emitiam um som, sem cheiro algum de fêmea; o animal via aquilo e se enganava pelo som e pela imagem. O que isso quer dizer? Que o bicho vivia na inocência paradisíaca do instinto e depois teve o despertar da razão, como Adão?

“Teriam os peixes, cães e ursos recebido no paraíso terrestre como seres humanos o toque iluminante da razão?”

A idéia de que a confusão entre alimento e aparência de alimento derivasse do advento da razão é absolutamente inviável. Ela não é uma possibilidade racional, mas uma impossibilidade pura e simples.

“Mas como foi que, segundo Kant, a razão, rebaixando o homem à condição do peixe que engole uma isca de plástico, o elevou a um novo patamar de consciência?”

Quer dizer: como poderia haver uma ascensão de consciência mediante este rebaixamento, esta estupidificação, que reduz o homem a um peixe que vê uma isca que parece uma minhoca e a come pensando que é uma minhoca?

“Foi que” – imaginem só! – “a confusão entre comida e a aparência enganosa de comida abriu para o jovem Adão a era da liberdade de escolha. ‘Ele descobriu em si o poder de escolher, ele mesmo, um modo de vida e de não estar ligado, como os outros animais, a um modo de vida único’, pois fora os objetos particulares do seu desejo, que o instinto lhe havia até então indicado, abria-se para ele uma infinidade de outros objetos.”

Sim. Antes ele podia comer comida; agora ele pode comer qualquer coisa. Então, isso evidentemente amplia, segundo Kant, o repertório de possibilidades.

“Para ressaltar a importância dessa descoberta iluminante, Kant apela à autoridade do próprio *Gênesis* (cap. 3, vers. 7): ‘Seus olhos nesse instante se abriram’” – os olhos de Adão. “Mas, se é para acreditar no *Gênesis*, não está certo esquecer tão rapidamente o que foi lido umas poucas linhas antes disso, onde Deus punha à disposição do homem ‘todas as ervas que dão as suas sementes sobre a Terra e todas as árvores que têm as suas sementes em si mesmas, cada uma segundo a sua espécie, para vos servirem de sustento a vós’ (tradução do Padre Figueiredo).

Uma pergunta surge inexoravelmente: ‘como poderiam – isso é importante – os erros gastronômicos de Adão e Eva superar em número a quantidade dos tipos de alimentos existentes no planeta?’”

Vamos supor que Adão e Eva cometessem dez erros desse por dia. Quanto tempo eles precisariam para chegar a cometer esses erros em número maior do que o número de alimentos já existentes?

“Como poderiam as ilusões dos sentidos ampliar as possibilidades alimentares do casal, se essas já eram, por definição, ilimitadas? De fato, Deus não prescreveu ao homem nenhuma dieta específica, muito menos restritiva. Só lhe proibiu um único alimento.”

Que é o da árvore no centro do Jardim. Mas, obviamente: “ilimitado menos 1 é igual a ilimitado”. Se você pode comer tudo, menos um, então, você continua com um número

ilimitado de comidas. Assim, a possibilidade de erro, de comer falsos alimentos puramente aparentes não pode jamais ter ampliado as possibilidades de Adão para além do número já ilimitado de alimentos de que ele dispunha.

“De fato, que para isso ele [Kant] tivesse que deformar até à completa inversão o sentido do texto em cujo testemunho se apóia, é algo que me parece quase inevitável. De fato, quando na narrativa bíblica os olhos de Adão e Eva se abrem, o que se revela diante deles não é um horizonte ilimitado de possibilidades, mas apenas a sua própria nudez, que eles se apressam a cobrir, restringindo, ao invés de ampliar, a sua liberdade de ação.”

Aquilo que aparece na narrativa bíblica como uma restrição, Kant descreve como se fosse a abertura de um horizonte infinito de possibilidades. Isto é, antes eles circulavam para cima e para baixo pelados e estava tudo bem, nada havendo que os limitasse; agora, não mais. Evidentemente, isso restringe.

“Kant prossegue explicando que, após ter introduzido uma confusão dos diabos no cardápio de Adão e Eva, a razão fez o mesmo com a vida erótica do infeliz casal. ‘O homem logo descobriu que o estímulo sexual, que no caso dos animais se baseia apenas numa urgência passageira e amplamente periódica,’ – quer dizer, só tem sexo quando a fêmea está no cio – “podia, no seu caso, ser prolongado e mesmo aumentado por meio da imaginação.”

Ora, como [isso poderia ocorrer] por meio da imaginação? A fêmea humana não tem cio; ela pode ter desejo sexual a qualquer momento – isto não vem da imaginação dela. O homem também não tem cio. Então, ter desejo a qualquer momento e independentemente do seu ciclo, não me parece ser fruto da imaginação.

“Nem por isso, no entanto, o paraíso terrestre se transformou numa pré-estréia de Sodoma e Gomorra. O Mal trazia em si o princípio não só da sua própria solução, mas o da liberdade moral humana, enfim subtraída à tirania dos impulsos naturais.”

[O processo seria o seguinte:] primeiro, há essa confusão alimentar, e depois a ampliação imaginativa das possibilidades eróticas. Eu não nego que essa ampliação possa existir, pois o sujeito, pela imaginação, pode sentir atração por qualquer coisa – pelo Lula, ou pela minha pessoa (eu não recomendo que faça isso, mas pode acontecer), ou por uma árvore, ou por um tatu-bola, ou por uma cabrita.

Como é que esta confusão, que ele chama de lascívia, luxúria, em vez de transformar o Paraíso numa Sodoma e Gomorra, abre para Adão e Eva o patamar da liberdade moral? Foi assim:

““Separar dos sentidos um objeto de prazer já é mostrar consciência de algum controle racional sobre os impulsos.”

Sim, porque se os objetos de prazer já não estão mais ligados ao instinto, ele pode ser trabalhado pela imaginação; então, o ser humano pode fazer escolhas.

“Esse controle permite o advento da recusa.”

Quer dizer, a imaginação sugere algo, e a pessoa pode dizer: “eu não quero”.

“O instrumento pelo qual os estímulos puramente sensoriais se recobrem de uma qualidade ideal, o que gradualmente mostra o caminho que leva do desejo puramente animal ao amor. Daí nasceu, segundo Kant, o senso da decência, o desejo de inspirar respeito nos outros. Parece uma antecipação quase literal da teoria freudiana da sublimação dos instintos.”

Já que os objetos de desejo se tornam agora matéria de pensamento, então você pode, em pensamento, concebê-los e dizer “isto eu quero”, “isto eu não quero”. Mas, atenção:

“A imaginação erótica pode se separar dos instintos, mas não dos sentidos, como diz Kant. Separada dos sentidos, uma imagem não é uma imagem, é um conceito abstrato sem nenhum poder de despertar o desejo.”

Se à concepção mental não corresponde uma representação sensível, como é que você terá desejo de um conceito abstrato? Isto não existe.

“Em outro ensaio, o próprio Kant explica: ‘Por mais elevados que desejemos os nossos conceitos e por mais abstratos que os tornemos em relação ao reino dos sentidos, eles continuarão associados a noções figurativas.’”

Ele está falando isso até dos mais altos conceitos da filosofia. Como isso não se aplicaria também à representação de uma possibilidade erótica qualquer?

“Se, ao contrário, a fantasia permanece atada estreitamente aos sentidos, esse Adão não se desfaz dessa fantasia imediatamente como de uma tolice passageira, mas, em vez disso, deixa que ela o arraste à lascívia e à luxúria, decerto com um desejo mais intenso e irresistível do que o do rotineiro impulso instintivo.”

Isto quer dizer que os produtos da imaginação pareceriam num certo momento até mais desejáveis do que o objeto óbvio e rotineiro dos instintos.

“Não se vê como o ingresso da fantasia erótica no repertório anímico do desnortado Adão poderia, por si, criar um hiato, um afastamento crítico entre a alma e o desejo de modo a colocar em movimento o processo da sublimação.”

Se a fantasia chega a dominar o próprio Adão ao ponto de ele afastar-se dos objetos naturais para buscar objetos anti-naturais, é porque algum poder de sugestão essa fantasia teve sobre ele. Como é que ela poderia ao mesmo tempo ter esse poder de sugestão e criar um hiato, um afastamento crítico? Faça você mesmo uma experiência: lembre suas fantasias sexuais – se você não as tem usualmente, lembre as de juventude – e veja se elas criaram para você um afastamento crítico ou, ao contrário, um envolvimento quase hipnótico. Fica claro que esta última hipótese é que é a verdadeira.

“Não se vê como o ingresso da fantasia erótica no repertório anímico do desnortado Adão poderia, por si, criar um hiato, um afastamento crítico entre a alma e o desejo de modo a colocar em movimento o processo da sublimação. Para isso, seria preciso, bem ao contrário, um impulso moral qualquer que se opusesse à fantasia, em vez de deixar que a alma fosse arrastada por ela.”

A simples presença da fantasia, portanto, não cria em você um afastamento crítico com relação a ela, mas é preciso que haja um elemento moral qualquer que se lhe opõe. O sujeito começa a pensar em uma fantasia, e depois surge o elemento moral, que diz: “Não, isso não está certo”. Não é assim que acontece com vocês? Ou a própria fantasia já traz em si esse afastamento? Se ela trouxesse o afastamento, não seria atraente.

Kant não teve muita experiência sexual. Qualquer pessoa que tenha a vida sexual corrente, mesmo que não seja muito original como a do Lula, entende que as coisas não funcionam assim.

“Em terceiro lugar, se a variedade de novas modalidades de experiência erótica desperta a possibilidade da escolha, portanto da recusa e, portanto, da sublimação, não se entende por que isso não aconteceu já na esfera alimentar (...)”

Se a abertura de novas possibilidades eróticas cria um afastamento crítico, por que não aconteceu a mesma coisa com as comidas? Se, além das comidas existentes, eu passasse a desejar algumas inexistentes, então por que é que isso não criaria imediatamente um afastamento crítico como a ampliação dos objetos de desejo erótico?

“(...) onde, segundo Kant, a razão havia acabado de abrir todo um novo mundo de possibilidades, decerto muito mais amplo do que o modesto repertório de invencionices eróticas de um casal único desprovido de parceiros ocasionais.”

Os alimentos eram em número ilimitado; [segundo Kant,] além dos alimentos ilimitados, Adão começa ainda a inventar mais alguns inexistentes. Então, isso ampliaria formidavelmente o repertório, porque existem os alimentos reais somados aos irreais. Porém, quais são as possibilidades eróticas de Adão e Eva? Eram só um casal. Só se eles saíssem comendo cabrita mesmo.

Mesmo assim, o número de animais ou de seres com os quais uma relação sexual é fisicamente possível é menor do que o número de alimentos existentes. Não consta que Adão pudesse desejar ter relações sexuais com uma pera ou uma banana.

“A essa altura, quem está confuso já não é o infeliz Adão, mas o infeliz leitor.

Se a conjecturação imaginativa pretende ter algum fundamento racional e ao mesmo tempo se apóia num documento histórico, é preciso que, no mínimo, a interpretação desse documento seja racional, em vez de dar rédea solta à mais extravagante e auto-contraditória imaginação hermenêutica.”

Kant está se permitindo uma liberdade na interpretação do *Gênesis* absolutamente extraordinária. Ele não procura tirar o sentido desde dentro do próprio texto, mas coloca coisas que não estão lá, que não podem estar e que são contrárias ao texto.

“De toda essa confusão, só o que permanece claro e marcado acima de qualquer possibilidade de dúvida são dois pontos: 1) a razão é incomparavelmente superior à voz de Deus, que não passa de instinto animal; 2) a razão prova a sua superioridade abolindo em Adão e Eva o mais elementar discernimento alimentar e depois despertando neles a lascívia e a luxúria. Não conheço outro autor da época – com a possível exceção do Marquês de Sade – que tenha rebaixado Deus dessa maneira, e que o tenha feito por meio de uma apologia da razão, que parece, antes, calculada para denegrir esta última junto com o Todo-Poderoso.”

[Aqui parece que Kant] está esculhambando Deus, a razão, Adão e Eva e tudo – nós também. [Não é possível] que ninguém tenha prestado atenção a essas coisas que Kant diz. Elas são obviamente escandalosas não só do ponto de vista moral-religioso, mas do ponto de vista intelectual. Isto é uma coleção de monstruosidades como raramente se viu! Então, como aquele homem que é tão equilibrado no exame de certas questões pode, de repente, escrever essa enxurrada de loucuras? Alguma coisa tem aí. “Loco si, pero no tonto”.

“A última etapa da evolução histórica do homem primitivo na visão kantiana veio quando o ser humano, já liberto da natureza ou voz de Deus percebe, de início obscuramente mas cada vez mais claro, que ele próprio é o fim e a meta da natureza. A partir desse instante (...)”

Quer dizer, o homem vai tendo esse processo de afastamento ou de sublimação, até que percebe que tem a liberdade moral e a razão, e que, portanto, ele está acima de todo o mundo existente.

“(…) a partir desse momento, ele [o homem] já não vê mais os animais como seus iguais, mas como instrumentos para os fins que ele tenha em mente. Nesse ponto, ele descobre que está em pé de igualdade, radical igualdade, com todos os seres racionais, inclusive os que lhes são superiores: ‘assim o homem alcançou uma posição de igualdade com todos os seres racionais, qualquer que seja seu nível hierárquico.’”

Incondicional igualdade com todos os seres mais elevados, como o próprio Deus. Tornou-se como Deus! Exatamente como a promessa da serpente.

Eis como, por meio dos erros dos sentidos, da lascívia e da luxúria, a razão torna o homem igual a Deus; o que a essa altura já aparece como presunção modesta, pouco antes ele havia superado esse Deus ao libertar-se da Sua voz, ou seja, da tirania do instinto cego. Em nota acrescentada ao texto, Kant, no seu característico estilo “morde e assopra”, busca atenuar o sentido inegável do que acaba de dizer ao afirmar agora:

“A história da natureza começa com a bondade, pois é obra de Deus; mas a história da liberdade começa com o mal, pois é obra dos homens”.

[Kant] escreve isso num tom de quem não está se desmentindo, e sim apenas confirmando o que disse, mas o fato é que no texto ele não disse nada disso; nem nesse texto, nem em outro sobre o mesmo assunto. Como poderia a história da liberdade ser obra dos homens e não da natureza ou de Deus se, como se viu na aula anterior (parágrafo sexto do texto), é a natureza que conduz os homens sem que eles o percebam ao reino da liberdade e da razão?

Ele antes diz que a natureza tem um plano secreto e, sem que os homens a percebam, leva-os ao patamar mais elevado da racionalidade. E aqui Kant diz que isso foi obra dos homens e não da natureza. Portanto, ou ele está dormindo ou está com “treta”? Veremos...

Por outro lado, como poderia Deus encarnar a bondade, a liberdade e o mal se é precisamente a liberdade que, guiada pela razão, deve elevar o homem ao mais alto patamar da moralidade?

Aqui já se vêem todas as contradições que vão constituir o centro da dialética de Hegel. Hegel vai trabalhar com essas dificuldades, que já estavam todas em Kant. Ele vai partir da ideia de que Kant está certo e cria toda uma dialética para poder dar conta dessas contradições a fim de mostrar que, na verdade, não são contradições do pensamento de Kant, mas que são a própria constituição da realidade; para Hegel, a realidade se constitui dessas contradições. É a natureza que leva o homem inconscientemente à razão ou, ao contrário, é a liberdade humana que, se opondo à natureza, cria o reino da liberdade e da razão? Hegel responderá: as duas coisas, isso é um processo dialético. Mas ele jamais teria tido essa ideia de dialética se não tivesse lido Kant e ficado tão confuso quanto nós estamos agora.

Veremos adiante como de fato Kant submete a religião à amoralidade ao proclamar:

“acima de mim o céu estrelado, dentro de mim a lei moral”.

Está afirmando resolutamente que não há nenhum Deus acima do homem, já que este é radicalmente igual aos seres mais elevados. A ambiguidade aqui do termo natureza começa a revelar sua razão de ser. Se alguém quer, ao mesmo tempo, rebaixar Deus ao estatuto de voz do instinto e continuar se dando ares de homem piedoso, precisa mesmo deslizar, o mais discretamente possível, entre os vários sentidos das palavras que prega.

Nós veremos adiante que Kant afirma a necessidade absoluta de crer em Deus e na imortalidade da alma, e que só existe uma religião verdadeira, que é o Cristianismo, mas, ao mesmo tempo, ele descreve uma situação de um Estado onde a prática do Cristianismo é absolutamente impossível e autocontraditória. Será que ele não percebe a contradição? É claro que percebe! E dos dois pólos da contradição, um vai sair vencedor e o outro será eliminado. E aí imagine qual será eliminado. Só que nós precisamos perguntar: será que Kant não percebia essa consequência?... Eu não sei. Eu não estou aqui para saber se Kant era uma espécie de “idiota de gênio” ou se ele era realmente um demônio, alguém maligno e mal intencionado. Eu não sei, não é isso que me interessa. Não estamos aqui para julgar Kant, mas para entender a nossa situação e de onde ela saiu, e nós vemos que ela saiu precisamente daqui.

Notem que nem entramos no estudo das grandes obras de Kant. Nós já temos esse abacaxi só com esses textinhos menores, e vem mais por aí.

Aluno: Eu tive um professor da faculdade, que fez doutorado na Alemanha, e ele disse que mesmo os estudantes alemães liam Kant na tradução de Oxford, pois era mais inteligível que o original alemão.

Eu acredito nisso. Tem a edição da Oxford que é muito boa, mas essa da Cambridge é de tirar o chapéu. Eu tenho aqui duas coleções completas de Kant em alemão e uma infinidade de traduções, e, às vezes, tenho de olhar todas para ter certeza do que ele está falando. Não é brincadeira. Eu vejo que para o sujeito ler direto em alemão ele deveria ter muito treinamento e, mesmo assim, seria deficiente. Mas no Oxford, eu não digo que a leitura tenha se tornado fácil, mas é muito mais inteligível. Mais inteligível até do que a tradução francesa da Playart, que é uma maravilha também.

Aluno: O que Mário Ferreira dos Santos fala sobre Kant?

Olavo: Eu não sei. Mário Ferreira escreveu um livro chamado *As Três Críticas de Kant*, que nunca foi publicado. Eu tenho o original, datilografado pela mulher dele. Mas está nas minhas caixas de arquivo que vieram do Brasil, elas foram todas empilhadas num quartinho aqui e elas caíram no chão, de maneira que aquilo está o caos total e eu não consigo achar nada. Então eu não sei o que o Mário Ferreira dos Santos disse sobre Kant e não saberei tão cedo.

Aluno: A mentalidade [incompreensível] das ideias de Kant pode ser definida como revolucionária por excelência?

Olavo: Sim. Não tanto pelo seu conteúdo. Eu acho que o que é característico de Kant é uma certa *forma* de abordar as questões, e o estilo de abordar que se disseminou no mundo, passando até para pessoas que nunca o leram, porque não precisa ter lido [para sofrer essa influência]. Eu acho que o mais característico é o seguinte: (isso é muito interessante, eu vou dar uma aula sobre isso mais tarde, mas vou anunciar agora) Kant diz: se eu estou num quarto

escuro, eu só posso identificar as direções do espaço (direita, esquerda) pelas direções do meu próprio corpo. Por exemplo, se eu estou num quarto escuro e toco um objeto, pela posição do objeto em relação ao meu corpo, é que eu, lembrando o que sei do quarto, me localizaria no quarto. Mas, [refutando a idéia de Kant,] o fato de eu saber que o objeto está à minha direita ou à minha esquerda não significaria nada se eu já não tivesse a imagem do quarto inteiro antes. Veja, essa questão da posição do espaço começou a me chamar atenção quando eu era criança. Eu ficava muito tempo deitado, pois estava doente, então as direções - vertical, horizontal, direita e esquerda - eram uma referência para mim. E eu tenho certeza de que não é pela minha esquerda e pela minha direita que eu me oriento no espaço, ao contrário, a ligação das direções do espaço entre o meu corpo e o espaço em torno é absurdamente indissolúvel, uma coisa não pode ter prioridade sobre a outra. As direções do espaço são onipresentes, por assim dizer, e elas têm de ser imediatamente identificáveis dentro e fora. Aliás, o que é dentro e fora, senão uma orientação no espaço? Como eu posso falar do meu corpo e fora do meu corpo, se eu já não tenho esta orientação do espaço do que é dentro e do que é fora? Portanto, até para entender o meu corpo eu já preciso ter as direções do espaço antes. Então, as direções do espaço são, de fato, um *a priori* da percepção. *Só que elas não estão dadas na minha mente, mas no espaço propriamente dito e em mim, ao mesmo tempo*; elas nos englobam, por assim dizer. Não existe esta coisa de que o mundo em torno é um negócio caótico e é a minha mente o ordena. Isso é impossível! Essa ordenação tem de ser simultânea, senão não pode acontecer. Mas eu vou entrar nisso só mais tarde.

[A pretensão kantiana] de querer ver tudo pela perspectiva do olho humano e não do objeto se tornou universal, como em modas culturais populares, por exemplo, a programação neurolinguística. No livro de Antoine Robins, tudo é assim: “nós não temos acesso aos fatos, somente às percepções”. Mas o que seria a percepção senão um fato? Como eu poderia ter acesso à percepção se eu não tenho o fato? Ou a percepção é um fato para mim ou ela não aconteceu. [Muitos argumentam que isso seria a] revolução copernicana, ou seja, é a mente, não do indivíduo humano - porque Kant não é subjetivista -, mas é a mente da comunidade humana, que tendo em si a universalidade da razão, de certo modo legisla sobre a natureza. Isso tonou-se um modo universal de pensar. Se não fosse [essa concepção kantiana] não poderia existir, por exemplo, a noção de casamento gay.

Nós sabemos que a noção de casamento gay é autocontraditória, fisicamente falando. Mas, se a lei determina que exista, pela universalidade da razão, aquilo passa a existir como se fosse uma realidade, quando na verdade é um teatro, é uma imitação. Ou, por exemplo, a mudança de gênero: o sujeito acha que é mulher, então muda o gênero. Ora, isso pode acontecer. Nós sabemos que a força desse impulso nas pessoas é realmente incoercível; a pessoa não vai se identificar com o sexo masculino e vai ter que aceitar que é assim. Porém, quando um travesti diz: “eu sou uma mulher num corpo de homem”, ele está reconhecendo que tem um corpo de homem. [Ainda que faça a operação e troque de sexo, restará a pergunta]: Você trocou com que idade? Logo antes de nascer? Não, a pessoa tem uma história num corpo masculino anterior, e *este conflito* é o que lhe caracteriza, e não a feminilidade em si. Então ela está marcada por um conflito e o que a lei pode fazer é reconhecer o conflito, como um estado de fato. Eu acho que deva reconhecer mesmo. As pessoas que aparecem com um problemas desses não estão com “viadagem”, mas com um problema real. Entretanto, reconhecer a mudança, isto é, passar para outro sexo, é impossível. [Porém, após a influência kantiana,] a lei pode fazer isso, ou seja, ela prescreve em qual sexo o sujeito está. O sujeito, portanto, não estaria numa situação conflitiva. Então, algo que não pode existir, anatômica e fisiologicamente, passa a existir por que as categorias da razão universal prevalecem sobre os dados do sentido.

Aluno: (...) Quando Kant propõe que as ações humanas devem seguir máximas universalizáveis, essa pretensão é da mesma natureza da concentração de poder pelos revolucionários?

Olavo: Sem dúvida, sim. Se as minhas ações refletem máximas universais, elas são obrigatórias para todo o mundo. E o curioso é que Kant, como vimos antes, diz que uma comunidade que baixasse uma doutrina e que não aceitasse nenhuma modificação ou discussão, estaria cometendo um crime. Mas [o próprio Kant] faz isso. Essa “religião kantiana” é obrigatória e indiscutível para todos. Mas é muito pior do que isso, nós veremos mais adiante.

Aluno: Há alguns anos venho pensando sobre a imortalidade da alma, principalmente após assistir ao seu curso “Consciência e Imortalidade”. Eu creio que a alma espiritual é imortal. O sacerdócio prova para mim existencialmente mesmo que a imortalidade da alma é real e é assunto muito importante. Ao fim e ao cabo, meu trabalho é levar e ir ao céu. Algumas influências correntes da teologia católica e protestante, pelo menos na Europa e na América Latina, esqueceram ou enterraram a verdade tão fundamental a respeito do nosso eu, a nossa constituição espiritual. Eu penso que o problema se encontra numa certa negação do nosso Deus Criador e de Jesus Cristo como princípio e fim de tudo criado. Ele é o Logos Divino. Porém, tenho grande dificuldade de contar em termos simples e descritivos a minha experiência da imortalidade, não sei se a expressão é correta, por exemplo, ao rezar. Como abordar esse problema? (...).

Olavo: Isso aqui é um abacaxi. Porque nós estamos acostumados a tratar desses problemas na esfera doutrinal, mas acontece que se a imortalidade é uma doutrina, então ela pode ser contestada, pode ser discutida. Mas se ela é um fato, então a discussão tem de partir do fato. Então, eu acho que os estudos sobre os estados de “quase morte” são mais importantes do que qualquer discussão doutrinal a respeito. Na verdade, para mim, o Cristianismo inteiro é um fato. Ou Jesus Cristo é de fato o Logos Divino ou Ele não é. Não é uma questão de doutrina. É uma questão da identidade pessoal real de um indivíduo humano e divino, que se apresenta e age. Ou Ele está presente e agindo ou então temos apenas idéias a respeito. E este é o maior problema relativo a Kant, porque com ele tudo se transforma em doutrina e idéia.

Nós veremos mais adiante que, quando Kant quer investigar os limites do conhecimento humano, ele fala que existe o limite da nossa experiência, ela vai daqui até aqui, e daqui para lá ela não vai. Mas como ele faz isso? Estudando experimentalmente? Não, ele o faz deduzindo de categorias do pensamento. Então, ele diz que a experiência é a base do conhecimento científico, ele aceita isso. Mas, ao estudar os limites da experiência, ele não o faz por experiência. Mas como se faria esse estudo por experiência? Nós conhecemos a percepção usual humana e conhecemos alguns casos onde a percepção foi infinitamente além disso; nós temos de estudar especificamente estes. Kant os estuda? Não. Ele só estuda as visões de [Emanuel] Swedenborg, que é um vidente atípico e extravagante. Por que ele não estudou as aparições de Nossa Senhora e de Jesus Cristo que existem ao longo da história? Por que ele não estudou os milagres? Pois se você quiser estudar os limites da percepção, você terá de procurar aquilo que aparentemente transcende os limites estudados; verificar se estes limites são universais ou se eles são puramente empíricos. Algumas pessoas têm esses limites, mas outras não têm. É o que ele deveria ter feito se estivesse seriamente empenhado em estudar e descobrir os limites. Mas Kant não está interessado em descobrir os limites, e sim em *fixá-los*. Ele proíbe que você enxergue daqui para diante. Então, temos de reorientar todos os nossos estudos a esse respeito, esquecer a discussão doutrinal e partir para coleção e discussão dos fatos. Não sei se isso responde à sua pergunta.

Aluno: (...) Segundo Kant a alma constitui o que é o ser humano ou ela só serve como adereço temático no projeto iluminista por ele delineado?

Olavo: Kant diz o seguinte: “a crença na imortalidade da alma é um dos princípios da razão prática”, isto é, a razão prática não funciona sem isso. Então, nós somos obrigados a aceitar a imortalidade da alma. Por outro lado, ele diz: “o curso inteiro da história humana é dirigido por um plano secreto da natureza que o conduz até o patamar mais elevado da racionalidade”. Porém, acontece o seguinte: se a alma humana é imortal, uma única alma humana dura mais do que a história humana inteira e, evidentemente, a vida dessa alma não pode ser explicada pela evolução histórica do ser humano. Como já dizia Santo Agostinho: nós temos duas histórias: a da Salvação, que prossegue na eternidade, e a história terrestre, que não faz o menor sentido. Mas, se você quiser descobrir o sentido na história humana e fazer com que esse sentido que você descobriu abarque e explique as almas humanas, então terá invertido as coisas, sobretudo se você chegar à conclusão de que alma é imortal. Pois se a alma é imortal, a sua interpretação da história acaba de ir para as “cucuias”.

Aluno: Dentre as várias incongruências na obra de Kant, tão bem demonstradas pelo professor, nota-se que quando ele normatiza que as pessoas pensem com a própria cabeça, faz isso sem perceber que ele mesmo está ditando regras para que as pessoas o sigam...

Olavo: Sim. As regras de Kant são sempre universais e imutáveis. Mas ele diz que uma comunidade que baixe uma doutrina universal e imutável está cometendo um crime. Ou seja, ele não está falando de toda e qualquer comunidade universal que baixe uma doutrina universal e imutável, mas apenas de uma, especificamente, que é o clero cristão.

Aluno: Nesses dias eu li uma frase de Goethe, na qual ele concorda que não existe isso de “pensar por si próprio”...

Olavo: Goethe também tinha lá suas “sacanagens”, mas foi um homem incomparavelmente mais sábio do que Kant, com mais flexibilidade, mais experiência da vida, mais compreensão do processo histórico, com mais capacidade preditiva do que Kant.

Aluno: [...Segundo Goethe,] o tolo diz que não deve a ninguém em arte e se fez por si próprio. Como se o homem devesse a si próprio outra coisa que não fosse a estupidez e a canhestrice. Mesmo se esse artista não teve mestre célebre, pelo menos se beneficiou do contato com mestres excelentes de cujos ensinamentos, assim como dos antepassados da natureza por toda parte presente, formou sua personalidade artística.

Olavo: Isso é a coisa mais óbvia do mundo. Você chega a pensar sobre si mesmo quando coloca um problema que ninguém colocou antes e ninguém te ajuda. Mas é difícil encontrar algum problema que Platão e Aristóteles não tenham pensado. Pelo menos isto.

Aluno: Pensar que a mídia cria imagem- modelo como a imagem da mulher poderosa e de outros padrões estéticos e essas imagens estarem por trás da percepção e da mentalidade das pessoas é pensar kantianamente?

Olavo: De algum modo, sim. Buscar um *a priori*, isto é, uma estrutura de percepção que está por trás da percepção, nós podemos dizer que Kant teve o mérito de chamar nossa atenção para isto. E isto existe até certo ponto; todo e qualquer pensamento tem uma grade de pressupostos atrás, e pode ser investigado. Porém, existem várias coleções desses pressupostos. Os arquétipos de Jung são um, a estrutura da luta de classes segundo Karl Marx

é outra, a linguagem segundo Benjamin Worth também é uma forma *a priori* da percepção. Existe uma infinidade de formas *a priori* da percepção e não somente as que Kant diz, e nenhuma delas é totalmente *a priori*. Muitas delas são, como diz Miguel Reale, e com razão, apenas produtos históricos e, às vezes, esquemas intencionalmente montados para emoldurar a sua percepção e limitá-la. Então, eu acho que Kant deixou-se impressionar por uma primeira descoberta e ele a universalizou sem examinar outras hipóteses. Os quatro discursos de Aristóteles são uma forma *a priori* da conversação humana e estão presentes universalmente, e estes eu acredito que não mudam mesmo, embora suas encarnações históricas possam ser infinitamente variáveis.

Transcrição: Pablo Guimarães e Bruno Vasconcellos G. Forte

Revisão: Caio de Souza Cazarotto